

“Onde está? Onde está? Nossa santa beata onde está?”: uma análise sobre memória e silenciamentos em torno da Beata Maria de Araújo

"Where is she? Where is she? Our holy "beata" where is she?": an analysis of memory and silencing around "Beata" Maria de Araújo

Natanaely Nunes da Silva¹
Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro²

Resumo: Silêncio, apagamento e invisibilidade. Assim podem ser definidos alguns dos processos que, historicamente, atravessam a imagem da Beata Maria de Araújo, protagonista do chamado “Milagre de Juazeiro”. Nascida em 24 de maio de 1863 em Juazeiro do Norte – Ceará, Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo vivenciou tentativas de silenciamento não somente em vida, quando foi enclausurada e vilipendiada, mas também de forma póstuma, ao ter seu túmulo violado. Partindo dessa premissa, é que o presente trabalho se debruça sobre o objetivo de analisar os dispositivos de subjetivação que atuaram/atuam na constituição da imagem desta personagem, bem como na tentativa do seu apagamento da história da cidade. Para a construção deste trabalho específico, analisaremos o Bendito à beata Maria de Araújo, composto e cantado por Carlos Gomide. Para tanto, utilizaremos como suporte teórico conceitos da chamada Análise do Discurso Francesa (AD), com base em autores como Michel Pêcheux (1997), Eni Orlandi (1997) e Michel Foucault (1997), em diálogo com as pensadoras feministas negras como Ângela Davis (2016) e Carla Akotirene (2019).

Palavras-chave: Análise do Discurso. Beata Maria de Araújo. Bendito. Silenciamento. Memória.

Abstract: Silence, oblivion and invisibility. This is how some of the processes that historically cross the image of “Beata” Maria de Araújo, protagonist of the so-called “Miracle of Juazeiro”, can be defined. Born on May 24, 1863, from Juazeiro do Norte-Ceará, Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo experienced attempts to silence her not only in life, when she was imprisoned and vilified, but also posthumously, when her tomb was violated. Based on this premise, the present work focuses on the objective of understanding how the devices of subjectivation acted/act in the constitution of the image of this character. For the construction of this specific work, we will analyze the Bendito à “beata” Maria de Araújo composed and sung by Carlos Gomide. Thus, we will use as theoretical support concepts of the so-called French Discourse Analysis (FDA), based on authors such as Michel Pêcheux (1997), Eni Orlandi (1997) and Michel Foucault (1997), in dialogue with the theories of black feminist thinkers such as Ângela Davis (2016) and Carla Akotirene (2019).

Keywords: Discourse Analysis. Beata Maria de Araújo. Bendito. Silencing. Memory.

¹ Universidade Regional do Cariri (URCA).

² Universidade Regional do Cariri (URCA).

Introdução

Juazeiro do Norte é uma cidade localizada no Vale do Cariri, ao Sul do Ceará, a 550 km de Fortaleza. Atualmente conta com aproximadamente 250.000 mil habitantes e com população flutuante constantemente duplicada em virtude das romarias a Nossa Senhora das Dores e ao Padre Cícero Romão Batista, polêmico personagem histórico, considerado santo por uma grande parcela da população do Nordeste, principalmente por causa do chamado “fenômeno da hóstia”. Em 1889, no momento em que o padre oficiava a comunhão de uma jovem devota conhecida por Beata Maria de Araújo, ela não pôde degluti-la, pois a mesma transformou-se em sangue. De acordo com várias narrativas aos Inquéritos instituídos pela Igreja Católica para apurar o fenômeno, vários depoentes, inclusive o próprio Padre Cícero, afirmaram que, em diversas outras ocasiões, a jovem Maria apresentava os estigmas da crucificação de Cristo, fenômeno raro na história da cristandade. Tal fenômeno gerou um choque entre a política de romanização da Igreja no século XIX na difusão do culto aos santos europeus e maior fundamento doutrinário entre os fiéis e o catolicismo popular prenhe de ladainhas, benditos, procissões e promessas aos santos populares (Grangeiro, 2002).

As primeiras romarias para Juazeiro do Norte eram para ver a “santa de Juazeiro” e os panos ensanguentados. Paulatinamente, a partir das políticas de silenciamento (Orlandi, 2011) e invisibilidade impetradas mormente pela Igreja Católica a esta personagem, é que o protagonismo do discurso fundador da cidade (Orlandi, 1993), foi sendo deslocado para o Padre Cícero Romão Batista, embora o próprio padre, apesar de toda a pressão da Igreja, inclusive com a sua suspensão de ordens, para que abdicasse da defesa do fenômeno e acusasse Maria de Araújo de “embusteira”, fora um dos maiores defensores tanto do fenômeno quanto de Maria de Araújo.

Desta forma, este trabalho propõe-se a refletir sobre os silenciamentos e a memória acerca da Beata Maria de Araújo, considerando, a priori, que alguns elementos atuaram de forma basilar para as tentativas de apagamento da sua memória, sendo eles: a) A política de romanização da Igreja, a qual atuou de forma incisiva com o intuito de silenciar as narrativas acerca do chamado “fenômeno da hóstia”, principalmente com o estabelecimento dos inquéritos e com a própria violação do túmulo da beata, referenciado na letra do bendito; b) Os marcadores interseccionais de raça, classe, gênero e etnia, mormente o racismo institucional.

Diante disso, o olhar se expande para além do silêncio e se volta para reflexões acerca da memória, que aqui serão trabalhadas a partir da análise do *Bendito à Beata Maria de Araújo*, composto e cantado pelo mestre de mamulengos Carlos Gomide.

Carlos Gomide, conhecido como Babau, trabalha com arte desde 1975. “É cameloturgo, bonequeiro, poeta, cantor, compositor, artesão e incansável sonhador de práticas constantes em busca da vida viva.”³. Gomide foi inspirado e instruído por Antônio Alves Pequeno, o mestre Antônio do Babau, provavelmente o maior bonequeiro popular do Brasil, com quem conviveu na cidade de Mari – PA e de quem herdou o nome, a arte e uma das missões de vida. Foi casado com a também atriz, brincante, bonequeira e pesquisadora Schirley P. França, com quem teve oito filhos: Maria, Antônio, Francisco, João, os gêmeos Pedro e Matheus, Isabel e Luzia, componentes da famosa Carroça de Mamulengos, uma família de multiartistas que integrou inúmeras artes: música, poesia, teatro, teatro de mamulengos e encantou inúmeras pessoas pelo Brasil e mundo afora.

O Mestre Gomide ampliou sobremaneira a arte do teatro de mamulengos, no ponto em que “sintetizou a linguagem do babau em uma dramaturgia icônica, que, por sua perfeita estruturação, tornou-se modelo, compondo a gênese do atual teatro de bonecos popular realizado no meio artístico brasileiro nas últimas gerações” (Carroça de Mamulengos, 2024).⁴ Desenvolve vivências de criação e formação junto aos mestres da tradição em Juazeiro do Norte desde 1982 e a partir de 2018 passou a integrar o Movimento pró-memória da Beata Maria de Araújo junto com outros(as) artistas, devotos(as) e pesquisadores(as).

³ Carlos Gomide-Carlos Babau. Mapa Cultural da SECULT-CE. Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/31057/>. Acesso em: 14/07/2024.

⁴ Carroça de Mamulengos. Disponível em: <https://www.facebook.com/pautilia.ferraz/videos/906213687223075>.



Mestre Carlos Gomide⁵

No âmbito do discurso religioso cristão, a palavra “bendito tem forte presença à medida que significa abençoado, glorificado, bento [...] ‘bendito o fruto do vosso ventre: Jesus’, da Ave Maria, dentre outras passagens. Pode significar, ainda, benfazejo, bom, generoso [...]”⁶. No Nordeste do Brasil, bendito é um cântico litúrgico religioso, que em geral inicia com esta palavra. As rezas e cantorias de benditos são manifestações populares que fazem parte da tradição religiosa e cultural da região e são entoados em contextos religiosos como em missas e procissões, sendo formas de devoção e louvor.

Assim, também se aponta aqui que esta pesquisa utiliza como aporte teórico autores da chamada Análise do Discurso Francesa, como Michel Pêcheux (1997), Michel Foucault (1997), Eni Orlandi (1997), em diálogo com as teorias das pensadoras feministas negras como Ângela Davis (2016) e Carla Akotirene (2019). Para os debates sobre a história do fenômeno da hóstia ou a presença da Beata Maria de Araújo na história de Juazeiro, trazemos Maria do Carmo Pagan Forti (1999), Edianne Nobre (2010), Priscila Ribeiro Diniz (2021) dentre outros(as), que aqui contribuem para a discussão acerca do próprio fenômeno histórico.

⁵ Disponível em: <https://www.carrocademamulengos.com.br/carroca-no-tempo>. Acesso em: 09 set. 2024.

⁶ Dicionário Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/mode>. Acesso em: 14 jul. 2024.

Para tanto, o trabalho está dividido em duas partes: em primeiro momento, contextualiza-se, historicamente, a tese do racismo institucional e a romanização da Igreja, em seguida, é realizada a análise do bendito em tela, com fulcro nos fundamentos teóricos aludidos, título antecedido das considerações finais.

Herda-se o silêncio

Em *O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*, a historiadora Laura de Mello e Souza (2009) traça um panorama acerca da ideia que se tinha da colônia e das justificativas teológicas formuladas pela Igreja que buscavam justificar a escravidão, e sob as quais se baseava a ideia de que as pessoas negras estavam fadadas ao sofrimento. Assim, a autora aponta para a análise feita por Eduardo Hoornaert (1982) acerca da concepção jesuíta, que comparava a África ao inferno e descrevia as pessoas negras como “escravas de corpo e de alma” (2009, p. 110), as quais somente poderiam ser salvas através do batismo.

Souza (2009) ainda traz outras formulações que descreviam a pessoa escravizada enquanto alguém sem possibilidade de salvação até mesmo através do batismo, uma vez que “[...] inferno não é apenas o continente africano, imerso no pecado; inferno é o lugar do qual não se sai nunca, nem com a morte: a fogueira infernal arde eternamente” (Souza, 2009, p. 110).

Ademais, esses dizeres possibilitam captar o fato de que os discursos que inferiorizam e desumanizam as pessoas negras estão inseridos em um processo histórico, o que também pode ser percebido em documentos oficiais da Igreja Católica como as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, que explicita de forma clara o racismo institucional dessa entidade religiosa ao associar as pessoas negras ao que chamava de *raças infectas*, estas que eram proibidas de entrar nos setores institucionais da Igreja, como pode ser visto no seguinte trecho:

2. Se é ou foi herege apóstata da nossa santa fé, ou filho ou neto de infieis, hereges, judeus ou mouros; ou que fossem presos ou penitenciados pelo Santo Ofício; [...]
4. Se tem parte de nação hebreia, ou de outra qualquer infecta, ou de negro ou de mulato.
5. Se é cativo e sem licença de seu senhor se quer ordenar. (Vide, 2010, p. 223-224).

Assim, antes de buscar compreender os caminhos percorridos pelo silêncio, é necessário situar o momento no qual ocorre o fenômeno da hóstia, que embora tenha se dado

sob um contexto de pós-abolição, não simbolizou um enfraquecimento das estruturas racistas advindas do período escravocrata. Para além disso, também é relevante destacar o processo de romanização pelo qual passava a Igreja Católica, e como isso está atrelado à construção da invisibilidade da Beata.

Nascida em 24 de maio de 1863, em Juazeiro do Norte – Ceará, Maria Magdalena do Espírito Santo era uma mulher negra, pobre e semianalfabeta que sempre teve a religiosidade presente e forte em sua vida, uma vez que, assim como narrou em seu depoimento para o I Inquérito (estabelecido para averiguar a veracidade do fenômeno), desde muito jovem tinha experiências nas quais o Senhor Jesus Cristo e Nossa Senhora se comunicavam com ela, o que dá um tom particular à trajetória religiosa de Maria de Araújo.

Sendo assim, o fenômeno da hóstia representou não somente um momento singular para a história de Juazeiro do Norte, mas também as mudanças no panorama da cidade que viriam a acontecer a partir dali, uma vez que as narrativas que se espalharam através da oralidade culminaram nas primeiras romarias, e fizeram com que muitas pessoas se deslocassem para o lugar que contava com cerca de 2.245 habitantes, a fim de presenciar a hóstia transubstanciar-se em sangue na boca da Beata, o que segundo Pinho (2020), viria a se repetir mais de uma centena de vezes.

Desta forma, alguns dos primeiros discursos formulados acerca do fenômeno ocorreu pela imprensa. Os principais periódicos da época caracterizavam o fenômeno como um acontecimento extraordinário e de tom sobrenatural. A princípio descreviam Maria como “Uma Santa no Ceará”, a bem-aventurada, piedosa, enfim, aquela que sofre os martírios de Jesus” (Diário de Pernambuco nº 93, 24/04/1887, p. 3, *apud* Pinho, 2020, p. 111).

Diante disso e do que simbolizou o chamado “Milagre de Juazeiro” é que se torna importante olhar para os processos que buscaram, de forma incansável, silenciar essas narrativas e impedir que os dizeres acerca do fenômeno circulassem. Logo, é necessário discutir sobre a atuação da Igreja Católica e como ela, a partir do estabelecimento dos inquéritos I e II, tentou calar a memória do fenômeno e da Beata Maria de Araújo.

A Comissão do I Inquérito

Os inquéritos estabelecidos para averiguar a veracidade do fenômeno da hóstia possuíram um papel fundamental no processo de invisibilidade e silenciamento de Maria de Araújo e demonstram como ocorreu a interferência da Igreja Católica nesse contexto. É a partir

disso que se torna necessário, a priori, enfatizar sob quais formatos se deram esses inquéritos, a fim de melhor explicar o que eles representaram.

Diniz (2021) afirma que os inquéritos que ocorreram em Juazeiro do Norte se diferenciam dos moldes medievais e que não estão relacionados à concepção de inquisição derivada do século XV à XVIII, do Tribunal do Santo Ofício e instituída pela Igreja Católica. Assim, as investigações do suposto milagre eram uma instauração diocesana, que tinham como objetivo averiguar irregularidades e condutas inadequadas ao processo de romanização. Segundo Paz (2011, p. 43), a romanização da Igreja Católica, também chamada de movimento ultramontano, buscava se distanciar do catolicismo popular, fortemente associado ao misticismo e atrelado às promessas e milagres. Assim, este processo que teve início na Europa em meados do século XIX, traçou novas políticas para essa instituição e estabeleceu, não apenas novas regras, mas também oposição a tudo que se mostrava diferente do que ditava. Além disso, essas investigações ocorriam de forma semelhante aos inquéritos policiais, assim como explica Diniz:

Um inquérito religioso possui os moldes de um inquérito policial, apesar de serem dois tipos de inquéritos diferentes: o inquérito religioso seguia o processo policial nas interrogações e exames, guardando tais informações em documentos, no entanto seu intuito era com questões que envolvesse somente a religião [...] (Diniz, 2021, p. 45).

A primeira Comissão de Inquérito chegou a Juazeiro dois anos após o fenômeno, mais especificamente em 09 de julho de 1891, e era encabeçada pelos Padres Francisco Ferreira Antero⁷ e Clicerio Lôbo⁸, que interrogaram as testemunhas do fenômeno durante dias (Diniz, 2021). O Padre Cícero foi o primeiro interrogado, e em seu discurso, evidenciou mais uma vez o caráter de santidade do ocorrido, também enfatizando que Maria de Araújo era uma figura pura e mantinha uma relação de longa data com a religiosidade, colocando em evidência as visões com Jesus Cristo e Nossa Senhora que a Beata afirmava ter desde seus 9 anos de idade, assim como é apontado pela autora:

No relato, Cícero ainda disse que a Beata Maria de Araújo era vítima de tentações e que, mesmo assim, vivia na castidade, que ela tinha visões antes do evento do milagre, desde que havia se consagrado a Jesus (grifo nosso). Desde então, ela tinha êxtases, e que em março de 1889 ocorreu a transformação da hóstia (Diniz, 2021, p. 47).

⁷ Francisco Ferreira era um padre de grande prestígio e possuía doutorado em Teologia, além de ocupar o espaço de Secretário da Comissão.

⁸ Delegado episcopal.

Enquanto isso, em seu depoimento dado no I Inquérito, Maria, que adotou um tom firme, deixou evidente não somente o que pensavam os outros sobre o episódio do milagre, mas principalmente a concepção que ela tinha de si mesma enquanto instrumento de Jesus⁹. A partir disso, também é importante reiterar que os padres encarregados de averiguar o episódio presenciaram o mesmo acontecer novamente, e assim como narra a autora (2021), outro momento também considerado significativo e crucial para esse processo, foi quando os padres puderam observar duas hóstias surgirem nas mãos da Beata e fazer a comunhão, ato esse que segundo a própria beata havia sido realizado a pedido de Jesus. Desta forma, os padres encarregados de direcionar a I Comissão do Inquérito puderam entender como ocorriam os fenômenos em Juazeiro, e assim dar início ao seu dossiê.

Sendo assim, para além dos interrogatórios e depoimentos colhidos com o Padre Cícero e a protagonista do fenômeno, a Comissão do I inquérito também interrogou as beatas que presenciaram o ocorrido, e fez a elas questionamentos que tinham como tema principal questões relacionadas à própria Maria de Araújo, sua vida, traços de sua personalidade e vivências espirituais.

Assim como as narrativas feitas pelo Padre Cícero, as respostas das beatas traziam à tona mais uma vez a imagem de uma Maria de Araújo pura, religiosa, piedosa e que, desde sempre, dedicou sua vida a Deus. Esses dizeres, que se repetiram de forma constante durante os depoimentos, ainda visavam afastar a ideia de que o episódio do milagre se tratava de uma mentira e tentavam mais uma vez provar que a Beata era uma serva de Deus, uma devota.

Com isso, a Primeira Comissão atestou que o episódio ocorrido em Juazeiro de fato se tratava de algo de cunho sobrenatural e constatava que a transubstanciação da hóstia não era um embuste, o que não foi bem aceito pelo Bispo do Ceará Dom Joaquim, o qual, em negação ao que foi apurado pelos padres, estabeleceu um Segundo Inquérito, esse que buscava de forma intensa silenciar as narrativas antes proferidas.

⁹ Diniz, 2021, p. 49.

O segundo Inquérito

A Comissão do segundo inquérito foi estabelecida a partir do descontentamento de D. Joaquim acerca do que foi apurado pela Comissão do I inquérito e ocorreu de forma muito mais incisiva no sentido de silenciar as narrativas e dizeres sobre o episódio do milagre. Estabelecida em abril de 1892 e encabeçada pelo Padre Antônio Alexandrino de Alencar, a Comissão do II Inquérito tinha como objetivo provar que o fenômeno se tratava de um embuste.

Nobre (2010) afirma que o documento desse inquérito é problemático tanto em sua organização quanto na ausência de depoimentos das beatas presentes no primeiro inquérito, o que evidencia mais ainda o intuito de silenciar os dizeres dessas mulheres por parte da Igreja. É diante desse desejo de silenciar essas mulheres, que o padre Alexandrino¹⁰ manipulou as narrativas acerca do episódio do milagre e forçou as beatas que ficaram na Casa de Caridade em Crato (cidade vizinha a Juazeiro), sob ameaça de excomunhão, a falarem que o fenômeno não havia ocorrido e que se tratava de um mito.

Assim, a partir do segundo inquérito fica mais evidente a perseguição não somente à Beata Maria de Araújo, mas às outras mulheres que integravam a Casa de Caridade e que de alguma forma estavam associadas ao episódio no qual a hóstia supostamente transubstanciou-se em sangue.

A Comissão do Inquérito que vinha de forma mais incisiva que a primeira, tinha como intuito não somente silenciar essas mulheres, mas também de construir uma imagem pejorativa de Maria, a qual, além de mulher, ainda carregava consigo outros marcadores sociais que, para a Igreja romanizada, tornavam inviável que fosse ela santa. Assim, é possível ler os discursos racistas, eugenistas, no âmbito da instituição católica principalmente em falas de integrantes do clero como o Padre Alencar Peixoto, cujo trecho do seu livro citado por Maria do Carmo Pagan Forti (1999), traz esta descrição da Beata:

Maria de Araújo é um produto do cruzamento de duas raças desprezíveis [negra e índia] dando, portanto, uma hibridez horrível, uma monstruosidade feita mulher. Ela é de estatura regular, brunduzia, triste, vagarosa, entanguida, essencialmente caquética, porque tem como ascendentes uma série de caquéticos ou tuberculosos. A cabeça que traz sempre descoberta, tem a configuração de um corredor de boi, escamado. O cabelo nem é preto nem é branco. Os olhos pequenos e sem um raio sequer de expressão que lhe ilumine o semblante, mexem-se histericamente nas fraldas de uma testa estreita e protuberante. O nariz irrompe entre os olhos, sem base

¹⁰ O padre Alexandrino foi uma figura religiosa bastante envolvida no processo de silenciamento de Maria de Araújo e dos outros personagens envolvidos no fenômeno, principalmente por conta da sua participação ativa na II Comissão do Inquérito.

e levantando-se, a pouco e pouco, alarga-se de asas chatas até os ossos molares, achamboirados, entupidos nas gelhentas bochechas cavas. Os beiços moles e relaxados deixam a descoberto em um dos cantos da cacóstoma boca, à competência com a pele cor de azeitona em estado de putrefação, denegridos, os dentes lanianos. É uma alma soberanamente execrável (Peixoto, 1913, p. 9 *apud* Forti, 1999).

Construir uma imagem negativa de Maria de Araújo não representava somente o intuito de calar as narrativas acerca do que ocorreu em Juazeiro do Norte, mas também simbolizava o medo da instituição católica romanizada acerca do que a figura de Maria de Araújo poderia representar. Além disso, também havia a concepção de que era impossível uma mulher negra, pobre, nordestina e semianalfabeta ser santa, uma vez que, assim como na fala do Padre Chevalier¹¹ citada por Della Cava (1978, p. 69): “nosso senhor não deixa a França para obrar milagres no Brasil”.

Neste sentido, é possível compreender como as questões relacionadas aos marcadores sociais que atravessavam Maria de Araújo atuavam de forma latente e eram reforçadas pela Igreja Católica, a qual, ainda muito influenciada pelas estruturas coloniais e dominada por homens brancos, não tolerava o fato de que uma mulher negra e nordestina havia protagonizado um dos episódios mais significativos da história religiosa do Nordeste.

Maria foi alvo, portanto, do que Ângela Davis (2016) e Carla Akotirene (2019) chamam de interseccionalidades, ou seja, a sobreposição ou intersecção de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação. Trata-se da forma como diferentes categorias biológicas, sociais e culturais, tais como gênero, raça, classe, capacidade, orientação sexual, religião, casta, idade, geolocalização interagem em níveis múltiplos, epistêmicos, sistêmicos e estruturais.

Apesar de haver racismo, machismo e misoginia na ideologia da Igreja que permeavam suas práticas e presente em textos como as *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*, anteriormente citadas, ainda assim é importante destacar a forma como a população tratou o episódio do milagre, e como as narrativas propagadas pela Igreja romanizada não impediram que romarias se formassem em direção a Juazeiro e que diversos fieis se dirigissem até a cidade com o objetivo de presenciar a hóstia se transformar em sangue na boca da Beata, o que pode ser compreendido como uma forma de resistência contra os dizeres da própria instituição religiosa.

¹¹ Reitor do seminário da Prainha, onde Padre Cícero foi ordenado.

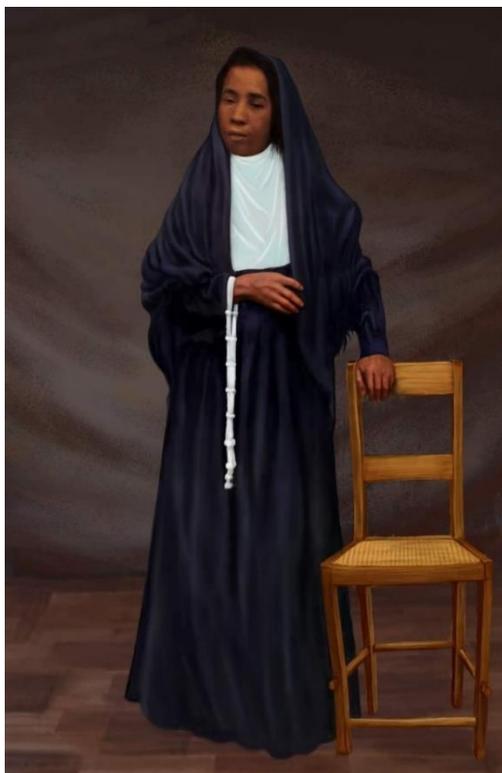
Ao discutir sobre as formas de resistência, as quais compreende como “catalisadores químicos”, Foucault (1995) analisa as relações de poder e evidencia que dentro da sociedade se vive sob a égide dessas relações, e que todos estão suscetíveis a serem afetados por elas, ou seja, a possibilidade de que um sujeito venha a agir sobre outro é algo que faz parte do viver dentro de uma realidade na qual as relações de poder têm suas raízes bem fincadas por todo o tecido social. Para além disso, o autor ainda pontua que, embora essas relações sejam fortemente presentes no tecido social, elas não acontecem sem que haja luta e resistência:

[...] Pois, se é verdade que no centro das relações de poder e como condição permanente de sua existência, há uma “insubmissão” e liberdades essencialmente renitentes, não há relação de poder sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual; toda relação de poder implica, pelo menos de modo virtual, uma estratégia de luta, sem que para tanto venham a se superpor, a perder sua especificidade e finalmente a se confundir (Foucault, 1995, p. 248).

Assim, é traçando esse percurso das relações de poder que também se percebe a atuação incisiva da Igreja em silenciar as beatas, essas que viviam não somente sob a ameaça de excomunhão, mas também de expulsão da Casa de Caridade onde viviam, e da qual ativamente faziam parte. A atuação dessa instituição em relação ao processo de silenciar essas mulheres, evidencia mais uma vez as práticas e mecanismos de exercício de poder da Igreja Católica.

A ordem da II Comissão do Inquérito era muito clara e desde o seu início demonstrava que o seu objetivo principal era, através do seu poderio, jogar um manto de silêncio sob o que havia acontecido em Juazeiro. Com isso, as ações da Igreja atuaram de forma intensa para concretizar o objetivo de não somente calar as narrativas relacionadas ao fenômeno, mas de apagar a memória de uma mulher negra, pobre e nordestina, que carregava em seu corpo mais do que as marcas do milagre, mas também marcadores sociais vivenciados por seus pares.

Entre o silêncio e a memória: uma análise do “bendito à Beata Maria de Araújo”



Beata Maria de Araújo: foto colorida pelo artista plástico Reginaldo Farias.

Eni Orlandi (1999) explica que quando se fala de história e política, é impossível não considerar o fato de que a memória e o esquecimento estão atrelados, uma vez que a memória é composta de esquecimentos, do não dito, de silêncios e silenciamentos. Ao tratar desse aspecto, Michel Pêcheux (1999) mostra que a memória deve ser analisada não através do sentido psicologista individual, mas sob a ótica do entrecruzamento feito entre a memória mítica, a memória social inscrita em práticas e a memória do historiador. Logo, o autor pontua questões sobre a forma como esses acontecimentos se inscrevem no campo da memória, e acentua que:

Não é de se admirar, nessas condições, que a ideia de uma fragilidade, de uma tensão contraditória no processo de inscrição do acontecimento no espaço da memória tenha sido constantemente presente, sob uma dupla forma-limite que desempenhou o papel de ponto de referência:

- O acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a se inscrever;
- O acontecimento que é absorvido na memória, como se não tivesse ocorrido (Pêcheux, 1990, p. 50).

Com isso, ao olhar para as questões que envolvem Maria de Araújo, é que se pode perceber como o processo de apagamento de sua memória está relacionado principalmente ao segundo ponto apresentado por Pêcheux, e como isso foi motivado principalmente pelas ações da Igreja Católica romanizada, que através dos seus inquéritos, atuou de forma intensa sob o objetivo de silenciar a memória da protagonista do chamado milagre de Juazeiro.

Diante dessa concepção, é que, considerando os pontos levantados por Pêcheux e Orlandi, torna-se viável analisar como nos dias atuais novos dizeres tem se constituído acerca de Maria de Araújo, principalmente no que tange aos processos que viabilizam avivar sua memória e participação na história. É, pois, desta forma, que o nosso olhar se volta para o *Bendito à Beata Maria de Araújo*, composto e cantado pelo Mestre Carlos Gomide, o qual traz questionamentos acerca de outra tentativa de apagamento da memória de Maria de Araújo, que foi a violação de seu túmulo. Eis a letra do bendito, entoado nas ações do Movimento pró-Memória da Beata Maria de Araújo e nas romarias de Juazeiro:

BENDITO À BEATA MARIA DE ARAÚJO

Nosso Pai Bom Divino Jesus
Bondoso vem abençoar
Mãe das Dores alumeia o caminho
Nossa Santa Beata, onde está?

Onde está? Onde está?
Nossa Santa Beata, onde está?

Um terrível acontecimento
Seu altar foi destruído
Seus restos mortais profanados
Estão em lugar desconhecido

Onde está? Onde está?
Nossa Santa Beata, onde está?¹²

O bendito é composto de duas estrofes e um refrão. Como são cânticos transmitidos pela oralidade, apresentam estruturas simples e fáceis de memorizar, o que é fortalecido, também, pela repetição do refrão.

¹² Vídeo gravado em 17 de janeiro de 2023 (aniversário de morte da Beata), no Cemitério do Socorro, local onde deveriam estar seus restos mortais, por ocasião da realização do Terço em sufrágio de sua alma, promovido pelo Movimento pró-memória da Santa Beata Maria de Araújo. Disponível em: <https://www.facebook.com/pautilia.ferraz/videos/906213687223075>. Acesso em: 14 jul. 2024. Segundo o autor o bendito foi composto no início de ano de 2023.

No bendito em tela, o que chama a atenção, em princípio, é a presença anafórica dos pronomes possessivos nosso/nossa: “nosso Pai Bom Divino Jesus”, nossa santa Beata... Que indica um sujeito enunciador coletivo inscrito numa formação discursiva cristã católica, em virtude das suas figuras icônicas: Jesus Cristo, personagem peculiar do discurso cristão, ser híbrido, simbolizado pela cruz: a união entre o plano temporal e espiritual, o que “desceu a mansão dos mortos [...], subiu aos céus [...]”¹³ Desta forma, um dos efeitos de sentido produzidos pelos pronomes possessivos nosso/nossa é: se somos *nós*, filhos de um mesmo Pai, o qual, por sua vez, é, no âmbito da narrativa cristã, filho do Sujeito-Mor do discurso religioso cristão: “Deus Pai Todo Poderoso”, então, estamos irmanados, somos irmãos, portanto, compartilhamos, neste plano terrestre, de algum propósito em comum.

O verso seguinte enuncia/anuncia a presença, também, de uma Mãe: Mãe das Dores “alumeia” o caminho. O trecho, enunciado na norma não-padrão da língua portuguesa, dialoga e faz referência a outro bendito: o Bendito dos Romeiros, bastante entoado em Juazeiro: “Bendito e louvado seja a luz que mais alumeia, valei-me meu Padrinho Cícero e a Mãe de Deus das Candeias”.¹⁴ O primeiro referencia Nossa Senhora das Dores, padroeira da cidade e o segundo, Nossa Senhora das Candeias, cuja devoção é demonstrada anualmente no dia 02 de fevereiro com uma grande procissão, à luz de milhares de velas acesas.

Outro aspecto importante a ser destacado é o questionamento com a assertiva do refrão: “nossa santa Beata onde está?”. Esse sujeito coletivo “nós”, presente novamente no pronome evoca o discurso da religiosidade popular enquanto forma de resistência aos dizeres/poderes/fazerem que historicamente colocam Maria de Araújo sob um viés de apagamento. Enquanto a Igreja, somente em 24 de junho de 2022 foi reconhecer o Padre Cícero como “servo de Deus”, após mais de um século depois de ter destituído suas ordens sacerdotais,

¹³ Oração do Credo.

¹⁴ Este bendito entoado nas romarias não faz referência à Beata Maria de Araújo. A Mestra Dorinha do Horto entoa um que foi composto pela mãe dela: Dona Maria dos Benditos, que traz essa memória: “Beata Santa Maria é a virgem do Rosário. Do meu Santo Padrinho Cícero é a chave do sacrário [...]. Aqueles panos sagrados de sangue ainda estão cheios. Valei-me meu Padrinho Cício e a Mãe de Deus das Candeias. In: <https://www.facebook.com/gaia.crajubar1/videos/48069367933748723/05/2019>. Praça do Memorial Padre Cícero. Juazeiro do Norte – CE. Festa de aniversário da Beata, promovida pelo Movimento Pró-Memória da Beata Maria de Araújo. Acesso em: 14/07/2024. Uma análise deste bendito foi apresentada por Natanaely Nunes da Silva e Cláudia Rejanne Pinheiro Grangeiro, sob o título *A virgem do Rosário e a chave do sacrário: discursos de (des) construção sobre a Beata Maria de Araújo no Hino dos Romeiros*, no Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra: 20 anos da lei nº 10.639/03: Educação, Democracia e Justiça Social, 2023, Crato-CE. *Anais [...]*. Crato-CE, 2023. Disponível em: <https://abpn.org.br/biblioteca-virtual/>.

sobre a Beata não há nenhum pronunciamento oficial. A voz coletiva dos(as) devotos(as), por sua vez, a proclamam “santa”, porém teve seu altar violado. Outro efeito de sentido de santidade da beata, que reporta à voz do catolicismo popular, não romanizado, é o túmulo metaforizado como “altar”.

É a partir desses discursos que nos remetemos ao conceito de formação discursiva, aqui fundamentado por Michel Pêcheux (1995), que o compreende como “aquilo que pode e deve ser dito por um sujeito em uma posição discursiva em um momento dado em uma conjuntura dada”. Assim, ao voltar-se para o panorama no qual se insere o episódio do fenômeno, percebemos que os discursos fomentados dentro desse contexto, principalmente os que eram construídos pela Igreja Católica romanizada, representam um reflexo da ideologia predominante dessa instituição.

Em contraste com isso, e com todo o processo que envolve as tentativas de aniquilar a memória da Beata, é que surgem, hodiernamente, novos dizeres que se contrapõem aos discursos antes proferidos, e que carregam as ideologias das formações discursivas nas quais estão inseridas, uma vez que segundo Pêcheux (1999), os indivíduos tornam-se sujeitos nos discursos, ou seja, são interpelados em sujeitos falantes, devido a essas formações, que também são ideológicas.

É diante destes elementos que o bendito coloca em evidência, na segunda estrofe, as questões relacionadas não somente à violação do túmulo da Beata, mas também à localização dos seus restos mortais, principalmente nos versos “um terrível acontecimento, seu altar foi destruído, seus restos mortais profanados, estão em lugar desconhecido”, evidenciando a violência que Maria também sofreu após sua morte, também traz questionamentos, e levanta mais uma vez a dúvida acerca do roubo dos restos mortais da Beata, que embora, segundo Diniz (2021), tenha sido registrado em cartório pelo próprio Padre Cícero, na época em questão, não foi investigado:

[...] Padre Cícero registrou o roubo no cartório Machado em 22 de outubro de 1930 e foram encontrados no local: escapulários de Nossa Senhora das Dores, do Carmo e da Paixão; um pedaço do crânio com cabelo que foi guardado num depósito de vidro; este depósito teve destino ignorado [...]
Não houve investigação na época, não foram procurados os culpados, não se abriu um inquérito policial, ninguém recebeu a culpa por um crime dessa proporção, até hoje os restos mortais da Beata não existem e ninguém foi condenado por tal crime (Diniz, 2021, p. 85-86).

Para além disso, também é importante acentuar que os discursos de memória como o que foi apresentado no bendito compõem uma leva de dizeres que nos dias atuais buscam evidenciar a participação de Maria na história e que se multiplicam principalmente através do movimento pró-memória da Beata Maria de Araújo, que ultrapassa o âmbito acadêmico e também se expande através da arte e da cultura em forma de diversos artefatos como estátuas, pesquisas acadêmicas, artigos de jornais, poesias, canções, filmes, documentários, leis e manifestos de movimentos sociais, os quais não serão aqui abordados por questões de espaço, mas que estão presentes em outras publicações.

Desta forma, os versos compostos e cantados no *Bendito para a Santa Beata Maria de Araújo* possibilitam perceber que, embora tenha havido um trabalho por parte da Igreja para apagar a figura de Maria de Araújo, ainda assim os dizeres sobre ela permanecem vivos nos dias atuais e demonstram as formas como ocorrem as resistências diante das relações de poder. Além disso, evidenciam que não foi apenas o tempo do silêncio que acabou, mas também o tempo de falar apenas sobre ele, uma vez que para além disso, agora, os sujeitos coletivos reivindicam memória.

Considerações finais

Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo foi uma figura histórica de trajetória marcante. Protagonista do chamado “Milagre de Juazeiro”, discurso fundador da cidade que a transformou em um dos maiores polos de peregrinação religiosa do Brasil, carregava consigo questões que não a limitavam ao âmbito religioso, mas também ao âmbito social, uma vez que era atravessada por diversos marcadores sociais, relacionados aos que as pensadoras do feminismo negro chamam de interseccionalidades, ou seja, a intersecção de vários marcadores sociais de opressão como gênero, raça, classe, etnia e localização geográfica, as quais ocorrem em virtude dos discursos/práticas racistas, misóginos predominantes em nossa sociedade ainda hoje, quiçá no Nordeste brasileiro em finais do século XIX.

Tendo isto em vista bem como os objetivos de analisar os dispositivos que envolvem não somente os processos de silenciamento da memória de Maria, mas também os mecanismos de avivamento, nos deparamos com o *Bendito para a Santa Beata Maria de Araújo*, o qual, através da própria forma semiótica: um cântico de tradição popular, traz os elementos da cultura cristã católica romanizada como o bom divino Jesus, Nossa Senhora das Dores, dentre outros, no entanto, apresenta também, as marcas discursivas do catolicismo popular, ao atribuir

aspectos de divinização de uma jovem devota, a qual, não somente foi quase apagada da história da cidade, como teve seu túmulo violado por membros do clero.

Assim, buscamos traçar um panorama acerca das Comissões dos Inquéritos que atuaram de forma incessante para calar os discursos sobre o fenômeno e silenciar os(as) sujeitos(as) que dele participaram. Desta forma, pode-se perceber como a atuação dessa instituição religiosa foi o catalisador principal desse processo.

Por fim, também foi percorrido o caminho da memória, e ao olhar para os dizeres contemporâneos acerca da beata, percebemos que, apesar dos processos históricos de tentativa de silenciamento, invisibilidade e apagamento, inclusive física, com a violação do seu túmulo e o sequestro dos seus restos mortais, ainda assim e justamente por esta razão, materializam-se, no Cariri cearense, formas de resistência que buscam não somente ouvir o que foi silenciado, mas também avivar uma memória que lhe foi negada.

Referências

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Polén, 2019.

CARROÇA DE MAMULENGOS. Carlos Gomide. Fundador e pai da Carroça de Mamulengos, 2023. *Carroça de Mamulengos*, [202-]. Disponível em: <https://www.carrocademamulengos.com.br/c%C3%B3pia-schirley-fran%C3%A7a>. Acesso em: 15 jul. 2024.

MAPA CULTURAL. Carlos Gomide – Carlos Babau. *Mapa Cultural do Ceará*. Disponível em: <https://mapacultural.secult.ce.gov.br/agente/31057/>. Acesso em: 14 jul. 2024.

DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. Trad. Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

BENDITO. In: *DICIO*, Dicionário Michaelis. São Paulo: Melhoramentos, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/bendito/>. Acesso em: 04 jul. 2024.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Trad. Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DINIZ, Priscila Ribeiro Jeronimo. “*Eu não estou aqui... Aliás, eu estou aqui!*”: o processo de invisibilidade e visibilidade da Beata Maria de Araújo em Juazeiro do Norte-CE. 2021. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, João Pessoa, 2021.

- DINIZ, Priscilla Ribeiro Jerônimo. *O tempo do silêncio acabou*: Beata Maria de Araújo. Juazeiro do Norte-CE: ed. da autora, 2022.
- FORTI, Maria do Carmo Pagan. *Maria do Juazeiro*: a beata do Milagre. São Paulo: Annablume, 1999.
- GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. *Discurso religioso na literatura de cordel de Juazeiro do Norte*. Crato-CE: A Província Edições, 2000.
- FOUCAULT, Michel (1984). O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert L.; RABINOW, Paul. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica*: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- SILVA, Natanaely Nunes da e GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. A virgem do Rosário e a chave do sacrário: discursos de (des)construção sobre a Beata Maria de Araújo no Hino dos Romeiros. In: Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra: 20 anos da Lei nº 10.639/03: Educação, Democracia e Justiça Social, 14., 2024, Crato-CE. *Anais [...]*. Crato-CE, 2024. Disponível em: <https://abpn.org.br/biblioteca-virtual/>.
- SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a Terra de Santa Cruz*: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NOBRE, Edianne S. *O Teatro de Deus*: a construção do espaço sagrado de Juazeiro a partir de narrativas femininas (1889-1898). 2010. Dissertação (Mestrado em História) – UFRN, Rio Grande do Norte, 2010.
- ORLANDI, Eni: *As formas do silêncio*: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- ORLANDI, Eni. Maio de 1968: Os silêncios da memória. In: ACHARD, Pièrre *et al.* *Papel da Memória*. Campinas: Pontes, 1999. p. 59-71.
- ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso*: princípios e procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, Eni. (org.) *Discurso fundador*: a formação do país e a constituição da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993.
- PAZ, Renata Marinho. *Para onde sopra o vento*: a Igreja Católica e as romarias de Juazeiro do Norte. Fortaleza: Editora IMEPH, 2011.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi *et al.* 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (Org.). *Papel da memória*. Trad. José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-57.

PEIXOTO, Joaquim Marques Alencar. *Joaseiro do Cariry*. Fortaleza: IMEPH, 2011 [1913]. p. 41-42.

PINHO, M. de F. de M. A beata, o padre e um milagre: a repercussão dos “milagres do Juazeiro” e seus protagonistas na imprensa (1887-1891). *Revista Historiar*, [S. l.], v. 12, n. 22, p. 108-124, 2020.

SILVA, Natanaely Nunes da; GRANGEIRO, Cláudia Rejanne Pinheiro. “A virgem do Rosário e a chave do sacrário”: discursos de (des) construção sobre a Beata Maria de Araújo no Hino dos Romeiros. In: Congresso Internacional Artefatos da Cultura Negra: 20 anos da lei nº 10.639/03: Educação, Democracia e Justiça Social. 13., 2023, Crato-CE. *Anais* [...]. Crato-CE, 2023. Disponível em: <https://abpn.org.br/biblioteca-virtual/>.

SOUZA, Maria Medianeira; SANTOS, Roberto; MENDES, Wellington Vieira. Gunther Kress, ciência e multimodalidade: do mar ao sertão e do sertão ao mar. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 342–364, 2021.

ISSN: 1984-4921

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v16.n37.03>

Submetido em: 10/09/2024

Aprovado em: 27/11/2024